



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, por ocasião do almoço oferecido pelo governador Ronaldo Lessa

Maceió - AL, 20 de novembro de 2003

Realmente é uma alegria estar aqui, com os meus companheiros.

Embora o companheiro Ronaldo Lessa more em Alagoas e eu em Brasília, a verdade é que a distância não separa os compromissos que temos com o Brasil. Nós já estivemos juntos muitas vezes e, certamente, estaremos juntos novamente, porque somos jovens e ainda temos muito a dar por este país e pelo estado de Alagoas.

Quero cumprimentar os deputados estaduais, os deputados federais, os prefeitos e prefeitas. Aliás, acho que aqui tem mais prefeitas do que prefeitos.

Meu companheiro Roberto Amaral, ministro da Ciência e Tecnologia,

Nosso querido Jamil Haddad,

Carlos Wilson, nosso companheiro, que vai terminar este aeroporto e vai transformar o aeroporto de Maceió num dos mais bonitos deste país,

Companheira Benedita da Silva,

Nossa companheira Emília Fernandes e a companheira Matilde,

Quero cumprimentar os representantes do Poder Judiciário aqui presentes.

Eu não cumprimentei o Renan Calheiros. Não cumprimentar o senador que é o líder da base de sustentação é complicado. Quero cumprimentá-lo. Um cumprimento especial para o Renan.

Mas eu quero dizer para vocês apenas o seguinte: nós vamos agora a Paulo Afonso e, depois, vamos visitar o canal. O Lessa quer me levar lá, porque ele quer que eu assuma a responsabilidade pelo canal.

Eu acho que esse canal deve estar dentro do programa Pró-Água. E, certamente, o governo federal vai ter que arcar com as suas responsabilidades,



porque, se nós queremos resolver o problema do semi-árido nordestino, mexendo um pouco com a bacia do São Francisco e com a Bacia do Tocantins, vamos ter que aproveitar as coisas que estão sendo feitas e tentar terminá-las, até para que o Banco Mundial tenha a certeza de que pode financiar mais projetos, porque vamos executá-los.

Todo mundo sabe que, durante muito tempo, eu disse o seguinte: se eu não fizer pelo Nordeste o que o Nordeste espera há tantos anos, quem vai fazer?

Há um compromisso histórico na minha vida, um compromisso do meu Partido, um compromisso até programático de que o Nordeste não pode continuar a ser visto pelo restante do Brasil como a parte pobre do país.

Acho que temos que trabalhar com muito carinho e, tendo um governo federal que possui um projeto de política industrial claro e um projeto de desenvolvimento para o país, tudo ficará mais fácil porque, se nós deixarmos apenas por conta das possibilidades financeiras do orçamento estadual, nós sabemos que os estados não terão condições de fazê-lo.

Mais ainda: se permitirmos que a guerra fiscal continue neste país, será uma ilusão imaginar que com isso a gente vá gerar desenvolvimento porque, muitas vezes, não é apenas o terreno ou a isenção de impostos que faz o empresário decidir ir para esse ou para aquele estado. O que o faz decidir, na verdade, é a infra-estrutura de transporte dos seus produtos, a qualificação da mão-de-obra existente na região e, o mais importante, o mercado para consumo dos produtos. Isso é o que determina.

Mas, se você fizer um governo que estabeleça um planejamento para o país e, dentro desse planejamento, redefinir os planos estaduais e, depois, os setoriais, não precisará de guerra fiscal.

O governo, em função das necessidades de desenvolvimento de cada região do país, vai ter que aportar recursos. Por isso, eu fui ao Ceará relançar a



Sudene que, com todas as críticas que alguém queira fazer, é responsável por 60% do ICMS de todo o Nordeste brasileiro.

Então, nós queremos recuperar a Sudene e dar a ela a finalidade pela qual o nosso querido Celso Furtado a criou: ajudar o desenvolvimento do Nordeste brasileiro, com projetos que possam atender às necessidades da região.

Eu acredito que a coisa está mais ou menos preparada para começar a acontecer. Este ano, por exemplo, Governador, muito pouco foi utilizado do Fundo Constitucional do Nordeste. Significa que muito antes de a gente ficar procurando onde é que existe dinheiro, nós precisamos incentivar os nossos empresários a fazerem projetos, porque se você tiver um bom projeto na mão, não faltará financiamento. Agora, se você não tiver um projeto e tentar fazer como, historicamente, sempre aconteceu neste país, quando as pessoas pegavam dinheiro para construir uma determinada fábrica, um determinado investimento de florestamento e, depois de 10, 15 anos, não existia nem a fábrica, nem o florestamento e muito menos o dinheiro, não haverá região que se desenvolva assim no mundo.

E foi pensando, sobretudo, no Nordeste que nós criamos o Ministério do Turismo, porque achamos que era inconcebível um país com um potencial turístico como o Brasil ter o Ministério do Turismo como apêndice do Ministério do Esporte. Da mesma forma que criamos o Ministério da Pesca, porque não é possível que um país com a costa marítima do Brasil – que possui 25% da água doce do mundo e grande parte dos rios piscosos – não tenha esse Ministério, que era um apêndice do Ministério da Agricultura.

Obviamente que, entre criar os Ministérios e eles começarem a produzir efeito, leva algum tempo. Nós estamos completando 11 meses de governo no dia 1º de dezembro. Se vocês quiserem saber a minha opinião, eu vou dizer que estou mais tranquilo, mais otimista do que eu estava no dia 1º de janeiro, quando tomei posse na Presidência da República.



Primeiro, porque todo mundo tem consciência de como estava o Brasil quando nós assumimos. A verdade é que muitos de vocês, eu falo isso sem medo de errar, não acreditavam que nós pudéssemos chegar ao mês de novembro com a situação em que o país está.

O Brasil recuperou sua credibilidade externa, conseguiu projetar a inflação para o próximo ano em 6%, 6,5%, e conseguiu, depois de muitos anos, um superávit comercial que vai ultrapassar, se Deus quiser, os 23 bilhões de dólares, este ano. E vamos começar a trabalhar para aumentar mais ainda as exportações no ano que vem.

Faz muitos anos que o Brasil não tem superávit de conta corrente, desde 1993 ou 1994. Significa que, do ponto de vista da macroeconomia, as coisas estão mais ou menos encaminhadas. E, agora, nós precisamos dar o passo seguinte, que é fazer a economia brasileira voltar a crescer para gerar os empregos e a renda que nós queremos para o país. E isso, também, já começou a acontecer. Se vocês pegarem os indicadores, vão perceber que na área do comércio e em vários setores da indústria, a economia começou a se recuperar e a crescer. E eu estou certo, por todas as discussões e por todos os estudos que temos feito, de que o ano que vem será extremamente promissor para o Brasil.

Agora, para isso acontecer, nós tivemos que semear algumas coisas importantes. O primeiro passo foi recuperar a credibilidade do Mercosul. Todo mundo sabe que o Mercosul depende muito da economia do Brasil e da Argentina. Se a economia brasileira e argentina não vão bem, não tem Mercosul. Portanto, nós decidimos, no primeiro dia, da posse, torcer para que a Argentina elegeisse um Presidente que acreditasse no Mercosul. E, graças a Deus, o país elegeu o presidente Néstor Kirchner, um companheiro que tem trabalhado como se não houvesse fronteira entre Brasil e Argentina.

Depois, nós entendíamos que era preciso que os maiores países da América do Sul tivessem políticas para ajudar os países de economia menor,



porque senão esses países terão mais dificuldades em desenvolver-se. E o BNDES tem o papel importante de financiar projetos de desenvolvimento nos outros países do Mercosul.

Nós chegamos à conclusão de que era preciso juntar toda a América do Sul para fazer um Mercosul forte. E todo mundo sabe que política não se faz por computador, faz-se olhando no olho da pessoa, sentindo a química que existe entre o ser humano, para ganhar a confiabilidade dos seu interlocutor. Hoje, eu posso dizer para vocês que, em 500 anos de História, nunca houve a relação que existe agora entre o Brasil e os países da América do Sul. Se Deus quiser, num tempo bem curtinho, a gente vai ter todos os países da América do Sul participando do Mercosul, para não ficar apenas Brasil, Uruguai, Paraguai e Argentina. O Peru já aderiu, a Venezuela está se preparando para aderir. Até dezembro nós vamos trazer os quatro países que compõem a Comunidade Andina, e depois vamos tentar trazer os outros, para formar um grande bloco econômico do nosso Continente.

Depois, nós decidimos que era preciso procurar alguns parceiros que tivessem similaridades com o Brasil. O mundo, hoje, é dividido assim: de um lado a União Européia com todo o seu potencial, agora mais importante, com a inclusão de outros dez países; sendo que parte do dinheiro da União Européia, que nós poderíamos pensar que viesse para o Brasil ou para a América do Sul, será utilizado para ajudar os países que antes pertenciam ao bloco comunista e que, agora, fazem parte da União Européia; e, do outro lado, temos os Estados Unidos, que, quando se trata de negociação, pensam mais neles do que nos outros.

Então, nós precisávamos encontrar parceiros. Criamos, primeiro, o G-3 com a África do Sul e Índia, que têm muita similaridade com o Brasil. Mas nós não estamos contentes com o G-3. Nós queremos criar o G-5, queremos incluir neste mesmo bloco a China e a Rússia, porque aí vamos criar um bloco que vai ter, praticamente, metade da Humanidade. E quando nós chegarmos à



Organização Mundial do Comércio teremos mais peso para exigir que a União Européia e os Estados Unidos mudem a sua visão comercial, abdicuem um pouco dos subsídios que eles dão para a sua agricultura, acabem com a cota do açúcar e da laranja. Porque não é possível que eles falem em liberdade comercial e produzam um litro de etanol do milho, gastando três quilos de milho, o que fica três vezes mais caro do que o álcool que nós produzimos da cana.

E, se é verdade que vai ser aprovado o Protocolo de Kioto e, daqui a algum tempo, o mundo vai ter que colocar 10% de etanol na gasolina, o Brasil estará pronto para vender etanol para o mundo inteiro, ajudando a diminuir a poluição do Planeta, porque temos tecnologia, temos terra, temos sol, temos água e, portanto, temos a mão-de-obra para fazer esse trabalho.

Então, nós adotamos a idéia básica de que se o mercado interno tem dificuldade para crescer, por conta de várias coisas que nós herdamos, não podemos ficar esperando. Vamos procurar parceiros. E construímos o G-22, que foi o maior acontecimento da relação comercial nos últimos anos. No G-22, o Brasil conseguiu juntar em torno da sua proposta 22 países.

E, agora, vamos dar um outro salto de qualidade. No dia 2 de dezembro estarei visitando o Líbano, a Síria, os Emirados Árabes. A Arábia Saudita vai ficar para outra data. Vamos ao Egito e à Líbia. E por que vamos lá? Vocês sabem qual foi a última autoridade brasileira que visitou o Líbano? Dom Pedro II. Foi o último governante brasileiro a visitar o país, que tem, no Brasil, o dobro da sua população. Então, por que nós vamos fazer isso? Porque acabou aquele tempo de a gente dizer: “O Brasil é um país de carnaval, de criança de rua, de mulher e de praia bonita”.

O Brasil será o celeiro do mundo. Não vamos ficar esperando as pessoas virem aqui descobrir o país, porque Cabral já fez isso, em 1500. Nós, agora, queremos descobrir parceiros para os nossos produtos, gente que seja parceiro para comprar e vender, para não ficar dependendo dos dois blocos



hegemônicos no mundo, hoje, que são a União Européia e os Estados Unidos.

Não queremos brigas nem com os europeus, nem com os Estados Unidos. Ainda estamos naquela fase do “Lulinha, paz e amor”. Portanto, é “Brasil, paz e amor”. O que nós queremos é dizer que nós existimos, que sabemos produzir, temos indústria, temos agricultura, temos tecnologia, temos mão-de-obra. Nós não queremos desrespeitar ninguém, mas queremos ser respeitados nos nossos direitos. O Brasil tem, portanto, que se impor.

E, para terminar, eu fiz a belíssima viagem à África, visitando São Tomé e Príncipe, Angola, Moçambique, Namíbia e África do Sul. Por quê? Porque é inconcebível que um país que queira ter importância no cenário mundial deixe de ter política internacional com o continente africano, que tem muito a ver com a nossa história. Não é apenas uma questão comercial. É uma dívida ética e cultural que o Brasil tem para com o continente africano e que nós temos que pagar.

Por isso é que estou otimista. Eu, na minha vida, nunca ganhei nada fácil. Eu perdi três eleições para Presidente da República e nunca ninguém me viu chorar por ter perdido. Quando eu perdia uma, levantava a cabeça e falava: deixe-me ver onde eu errei, para não errar na outra. Mas os adversários também pensavam e conseguiram me derrotar três vezes, imaginando que eu iria desistir.

Bem, graças a muita gente neste país, eu estou aqui hoje, tenho um mandato de quatro anos e, da mesma forma que Juscelino Kubitschek provou que era possível fazer 50 anos em cinco, com a construção de Brasília e da Belém-Brasília – eu não vou repetir o chavão do Juscelino, porque todos vocês conhecem – vou provar que é plenamente possível realizar as coisas neste país, não todas de uma vez, mas fazer muito do que poderia ter sido feito e que, irresponsavelmente, a elite brasileira não quis fazer.

Vamos fazer a reforma agrária, com o carinho com que precisa ser feita. Vamos fazer as reformas que têm que ser feitas. A previdenciária está pronta e



vai ser votada, se Deus quiser, no Senado, na semana que vem; na Câmara, logo, no segundo turno. Depois, vamos entrar com a reforma do Poder Judiciário. E ninguém precisa ficar zangado, porque ninguém quer tirar poder de juiz. O que nós queremos é apenas assegurar que todos nós sejamos iguais perante a lei. E se o Poder Executivo tem fiscalização e o Poder Legislativo tem fiscalização, por que o Poder Judiciário não pode ter o controle externo da sociedade, para que ele possa funcionar? Qual é o problema? Um juiz, um ministro, conhece mais leis do que nós que não somos juizes. Mas somos iguais. Portanto, precisamos ser tratados com o mesmo respeito. E nós queremos fazer isso para melhorar este país.

Vamos fazer a reforma trabalhista, a reforma na estrutura sindical, a reforma política, para acabar com esse negócio de a pessoa ser eleita com base em financiamento de empresário e, depois, ficar governando, no mandato, para esse empresário. O financiamento tem que ser público, para poder moralizar a administração pública. E essas coisas, nós vamos realizar no tempo certo, com o carinho certo.

O que eu queria pedir para vocês é o seguinte: não percam, em nenhum momento, a certeza de que este país será do tamanho da crença que vocês têm. Se vocês forem daqueles que ficam de cabeça baixa, achando que vai dar tudo errado, que não vai dar certo, as coisas não vão acontecer. Mas acontecerão, se vocês levantarem a cabeça e disserem: “Este país vai dar certo e ele vai crescer se eu acreditar que tenho alguma coisa para contribuir com este país.”

É com esse otimismo, meu companheiro Lessa, que eu quero governar este país por quatro anos, com a certeza que terei o apoio dos governadores, com a certeza que terei o apoio da sociedade brasileira, porque a única coisa que eu quero é que este país dê uma chance a si mesmo; a única coisa que eu quero é que este país dê uma chance à nossa juventude; a única coisa que eu quero é que este país recupere, em quatro anos, a dívida secular que nós



temos com esse povo, sobretudo na questão da educação, porque é inexplicável que um país que era a 8ª economia mundial ainda tenha 20% de analfabetos. Não é possível.

Nós assumimos o compromisso de alfabetizar, em quatro anos, os 20 milhões, e só vamos fazê-lo se vocês ajudarem. E vocês, nas entidades de que participam, podem dar uma contribuição enorme para alfabetizar as pessoas no estado de Alagoas.

Eu quero agradecer, Lessa, este almoço maravilhoso. Quero agradecer aos deputados, vereadores, prefeitos, porque, agora, eu e o Lessa vamos trabalhar. Vocês, agora, vão fazer uma sestazinha e nós, que fomos eleitos pelo povo para trabalhar, vamos trabalhar.

Muito obrigado, gente. Até outro dia, se Deus quiser.

/mcpro/lrj/vpm